



# RECONFIGURAÇÃO DA PAISAGEM A PARTIR DA INSTALAÇÃO DO MONOTRILHO

**CARLOS AMERICO KOGL**

Mestrado em Urbanismo, FIAMFAAM Centro Universitário.

Avenida Liberdade, 749, 7º andar, São Paulo, SP, Brasil. Telefone/fax: 55 11 996554994

[kogl@uol.com.br](mailto:kogl@uol.com.br)

## RESUMO

Ao longo do século XX os loteadores, senhores de terras na área urbana e adjacências, tiveram grande liberdade em determinar o desenho urbano que entendiam ser o melhor para catapultar seus lucros e sua fama.

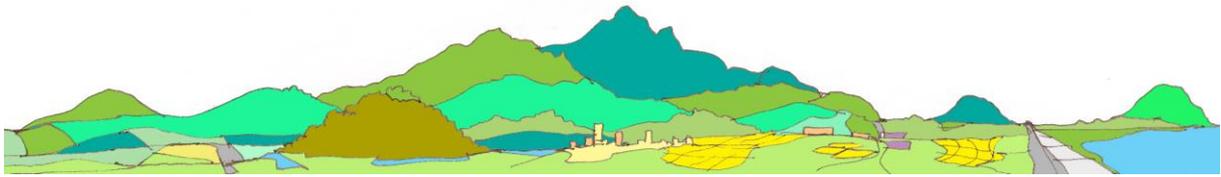
A área recorte do trabalho encontra-se na zona sul da capital paulista em um fundo de vale com declividades que variam de três a vinte por cento. Foi ocupada inicialmente por imigrantes alemães e ingleses que adquiriram lotes e transformaram a região em bairro nobre de amplas casas e lotes ajardinados. Os portugueses ficaram com as chácaras nas margens do córrego e abasteceram a cidade com hortaliças.

Em dois momentos o Estado interveio, aos trancos e barrancos desapropriou e depois retificou o curso d'água, deitou uma avenida nas suas margens e agora, tal e qual coroa de espinhos, delicadamente desenhou um Monotrilho para acompanhar-lhe as curvas.

**PALAVRAS CHAVE** Espaços Livres; Forma Urbana; desenho urbano; sistema viário

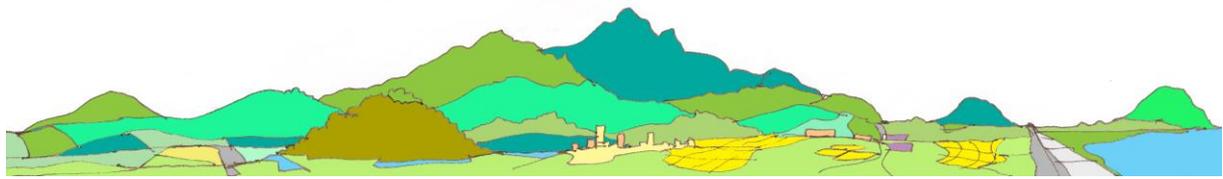
## ABSTRACT

**LANDSCAPE RECONFIGURATION FROM MONORAIL  
INSTALLATION**



Throughout the twentieth century the land developers, landowners in urban and surrounding area had great freedom in determining the urban design which was understood be the best to rase profits and fame. This work looks to an area in the south of the São Paulo state capital in a valley bottom with slopes ranging from three to twenty percent. It was first occupied by German and British immigrants who have acquired lots and transformed the region in upscale neighborhood with large homes and landscaped gardens. The Portuguese settled down on stream margins and fueled the city with greenery. On two occasions the state intervened: expropriating the land and correcting the course of the water, after that they layed an avenue on its banks and now, just like a crown of thorns, gently drew a monorail to accompany it's curves.

**KEY WORDS** Open Spaces; Urban Design; Urban Mobility; Road Sistem



## ALPHA-OMEGA

Ao longo do século XX os loteadores, senhores de glebas na área urbana e adjacências, tiveram grande liberdade para determinar o desenho final que dariam às ruas e quadras dos Bairros da cidade. As intervenções do Poder Público foram muitas vezes da complacência à cumplicidade explícita. Estas atitudes resultaram em desenhos caóticos com pouca harmonia entre um Bairro e outro e nenhuma qualidade no que concerne à distribuição das praças e áreas institucionais além de um traçado viário sem nenhuma referência senão a da topografia em muitas das vezes. As áreas lindeiras aos córregos acabaram relegadas ao segundo plano e somente na segunda metade do século XX é que a legislação colocou algum freio nos loteadores (Lei Lehmann – Lei Federal 6766/79)

A área objeto deste estudo, é um fundo de vale no qual temos o córrego água espriada, na zona sul da capital paulista. A geografia do entorno é de um território com declividades que variam de 3 a 20 por cento ocupada por Bairros estritamente residenciais.

Esta área está inserida na Operação Urbana Água Espriada (Lei Municipal 13260/2001). E é justamente por conta desta Operação Urbana que o córrego foi retificado e recebeu em suas margens uma avenida larga de seis pistas no total, hoje denominada Jornalista Roberto Marinho. Ao final desta avenida se encontra um dos novos cartões postais da cultura rodoviarista paulistana, a ponte Estaiada. A retificação do córrego gerou alguns pequenos espaços cujo destino “natural” foi sob a denominação de praça.

Visando uma leitura melhor da área objeto, verificamos que podíamos nos apoiar um pouco na teoria Muratoriana, na medida em que esta seria uma forma de observação cujo método poderia, no final, render frutos. Savério Muratori, professor italiano que dispensa apresentações mais demoradas conceituava a cidade como organismo vivo e entendia que a única forma verdadeiramente inovadora de planejar as cidades consistia na sua interpretação de acordo com a história evitando soluções extemporâneas que pudessem ser ligadas ao individualismo, a seu ver injustificadas. Com seus conceitos, Muratori entrou em rota de colisão com tudo e todos de seu tempo, especialmente Bruno Zevi. (CATALDI 2002)

O levantamento da História desta área nos mostra que os loteamentos se iniciaram no final do século XIX – início do século XX quando a primeira Fazenda do local foi dividida. Com a falência dos loteadores originais, a Light and Power arrematou o acervo e colocou seus Bondes a circular de modo que os mesmos passaram a



cortar a área praticamente em linha reta até Santo Amaro. Ao longo da Tramway foram surgindo as ocupações, dentre elas muitas chácaras e em 1935 o Bairro do Brooklin. (BLANES 2006)

Ao longo do córrego Água Espreada, nas proximidades do Rio Pinheiros se fixaram imigrantes alemães, ingleses e norte-americanos, em sua maioria funcionários da Light, formando um Bairro de alto padrão com casas grandes e quintais arborizados. Nos lotes próximos à várzea, predominou a ocupação por parte de imigrantes portugueses cujo objetivo era a produção de hortaliças para revenda.

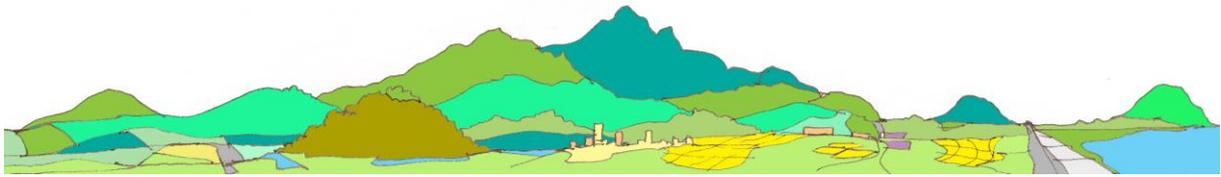
Após os anos 30, com a reversão do curso do Rio Pinheiros, foi necessária a construção da Usina Elevatória de Traição de modo que o regime das águas dos córregos da região, incluído o da água Espreada foi bastante modificado. Para que estes cursos d'água não sofressem com a elevação do nível do Rio Pinheiros, foi construído o chamado dreno do Brooklin fazendo com que os cursos desaguassem mais pra frente no Rio.

Na Figura 1, uma fotografia aérea dos anos 50 pode-se observar que o traçado das ruas e dos bairros sofre certa inconstância na região do córrego. Isto se deve, principalmente, por esta ocupação quase rural, de produção de hortaliças e, também, pelo regime de várzea da área que desencorajava sua ocupação. Há relatos de cheias de verão e até de pesca abundante na literatura. (BLANES, 2006)



FIGURA 1 – vista aérea da área do córrego água espreada 1958 -

<http://www.geoportal.com.br/memoriapaulista/>



Com a acelerada urbanização dos anos que se seguiram, a partir da década de cinquenta a região vive um adensamento incomum de modo que desaparecem rapidamente todos os vestígios de mata ciliar e vegetação nativa ao longo do córrego. Nos anos sessenta, com Prestes Maia Prefeito, o Governo do Estado resolve por em prática um grande projeto viário na região e inicia grandes desapropriações na área. Posteriormente, ao abandonar a empreita, o Governo faz o mesmo com as áreas que adquiriu ao longo do Água Espreada de modo que estas extensas áreas acabaram ocupadas e invadidas formando grandes extensões de habitações subnormais. Esta situação perdurou até o final do século XX quando com a Operação Urbana já mencionada as habitações subnormais foram simplesmente demolidas e seus ocupantes dispersados pela periferia da cidade.(FIX, 2001)

Observou-se ao longo do processo, em diversas visitas ao local e análise de mapas, que os espaços livres públicos estão quase que em sua totalidade comprometidos com a circulação e que o pouco que assim não é, está desprovido de uso pelos moradores locais, mesmo quando denominado de praça. Há também uma nítida sensação de desconforto por parte de todos os usuários das vias envolvidas no processo pela absoluta desproporção do Monotrilho e de seus componentes já implantados. Ainda não vimos nenhuma Estação ou obras que remetam às mesmas, mesmo três anos após o início dos trabalhos e não temos nenhuma avaliação do que isto poderá representar quando em pleno funcionamento. Quais forças serão atraídas e como irão interagir entre si.

Além do desconforto e dos desvios gerados por uma obra deste porte, por um canteiro de obras linear de vários quilômetros de extensão, há a sutura feita pelo Monotrilho, gerando um quelóide urbano, uma situação que fará com que a população continue a dar as costas para o córrego que aprendeu a evitar ao longo das últimas seis décadas pelas questões sociais, de higiene e saúde, pelo mau cheiro e pela paisagem não desejada que se implantou no local com os aglomerados de habitações subnormais.

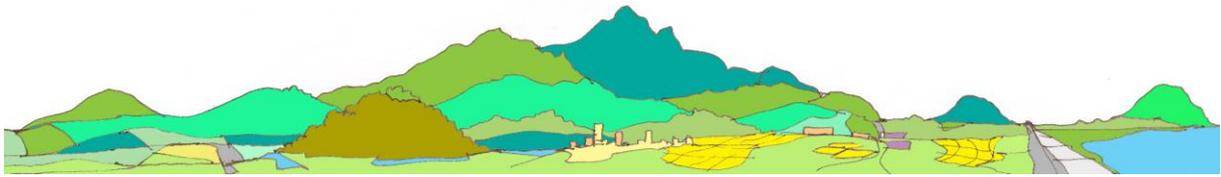


FIGURA 2 – córrego já retificado – 2004 – Google earth

Ao não se levar em conta a história do local, ao não se atentar para a limpeza e despoluição do curso d'água e, sobretudo, ao não se pensar o desenho da avenida e do Monotrilho para além da técnica pura e simples, perdeu-se a oportunidade de implantar naqueles Bairros um resgate de memória com espaços livres voltados ao lazer e ao conagraçamento. Certamente um traçado que levasse em conta a memória afetiva e a representação desta no espaço seria bem vindo e mais agradável na costura dos Bairros e da Região.

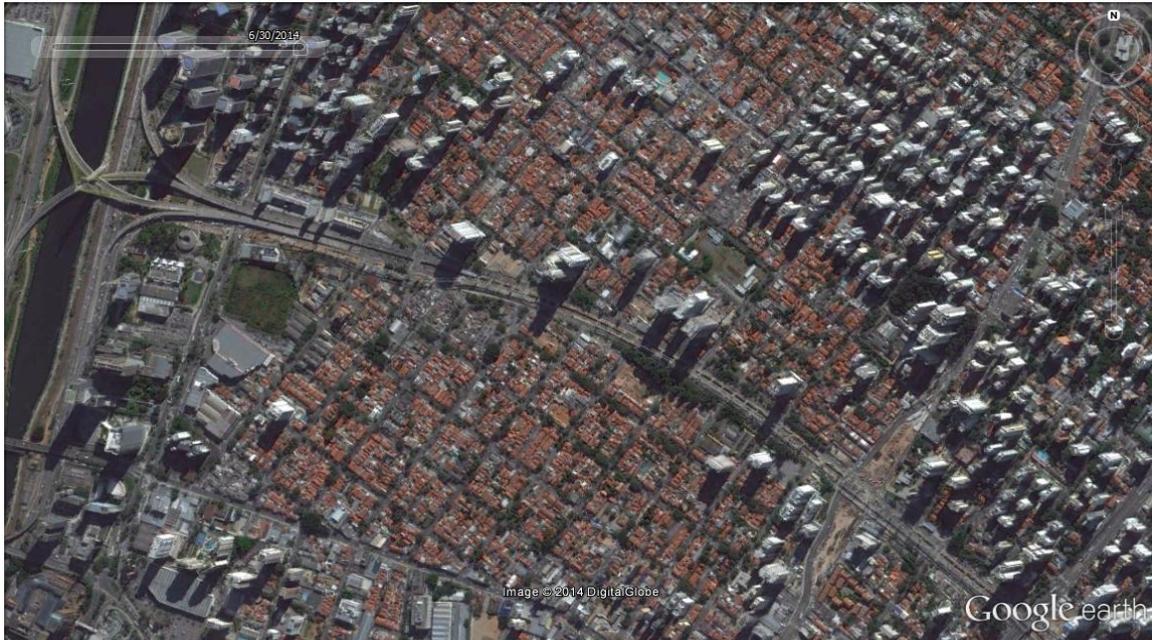
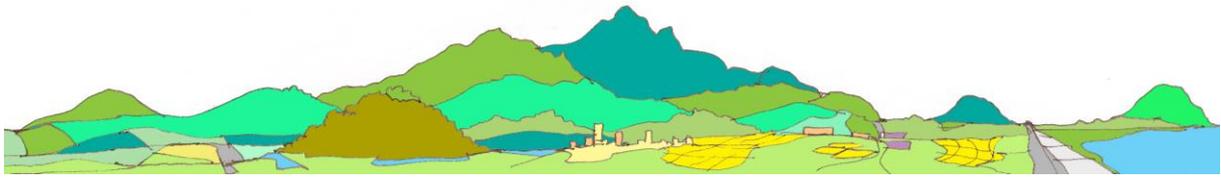


FIGURA 3 – aérea da mesma área em 2014 – bem mais adensada e com obras visíveis  
Google Earth

O que vem acontecendo, e pode ser visto na comparação das Figuras 1 e 2 é o adensamento da região, com edifícios de apartamentos. Este adensamento é encorajado pelo Plano Diretor mais recente (LEI Nº 16.050, DE 31 DE JULHO DE 2014), aprovado pela Câmara Municipal da cidade de São Paulo, na medida em que, com a entrada em funcionamento do Monotrilho, estarão presentes todas as condições para que a população utilize o transporte público em detrimento do transporte individual.

Na região irão se cruzar duas linhas do Metrô, sendo uma delas a tradicional linha subterrânea (linha lilás) e a outra o Monotrilho, de modo que haverá um enorme pólo de atração. Além disso, o Monotrilho permitirá que a capital dos paulistanos tenha a sua primeira configuração de anel metroviário uma vez que esta linha promove a ligação da linha 1 (azul) com a linha 4 (amarela) como pode ser observado na Figura 4 a seguir.

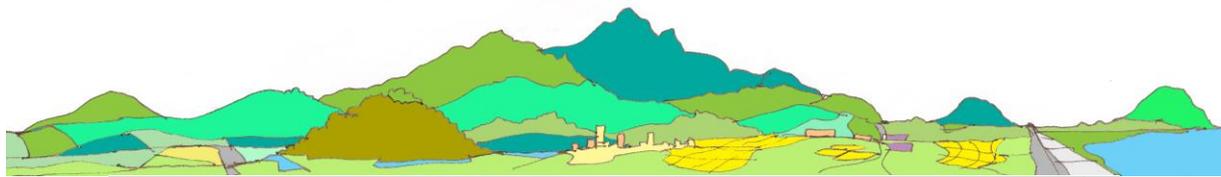


FIGURA 4 – linhas do metropolitano – [www.saopaulo.sp.gov.br](http://www.saopaulo.sp.gov.br)

Podemos observar uma paisagem que se adequa ao Plano Diretor, mas certamente se desloca em direção oposta ao congraçamento e ao bem estar, ao uso do espaço público além da circulação e do transporte públicos.



FIGURA 5 – vista das obras do Monotrilho – foto do autor 2014

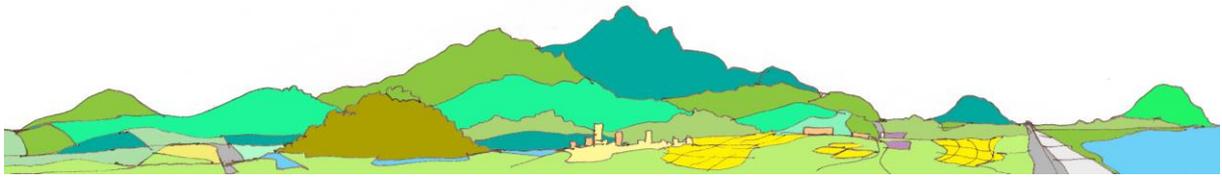
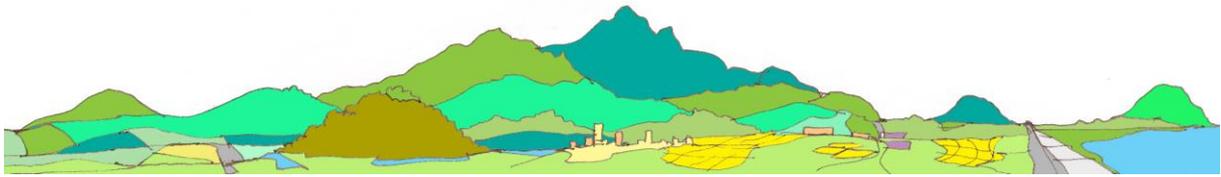


FIGURA 6 – vista do Monotrilho – foto do autor 2014



FIGURA 7 – vista do Monotrilho – foto do autor - 2014



## REFERÊNCIAS

Blanes L; **Análise dos Biótopos da Bacia Hidrográfica do Córrego Água Espreiada**, São Paulo 2006

Camargo C P F et al. (1976) **São Paulo 1975: crescimento e pobreza**, Ed. Loyola, São Paulo.

Cataldi G, Maffei G L, Vaccaro P; **Savério Muratori e a escola italiana de tipologia projetual**; Revista de Morfologia Urbana (2014) 2 (1) 25-36 ISSN 2182-7214, Rede Portuguesa de Morfologia Urbana

Fix, M (2001), **Parceiros da Exclusão: Duas histórias da construção de uma nova cidade em São Paulo: Faria Lima e Água Espreiada**, Boitempo, 2001, São Paulo

Holanda F et al. (2012) **Urbanidades**, Folio, Rio de Janeiro.

Espirito Santo J M, (2006) **Tipologia da Arquitetura Residencial Urbana em São Luis do Maranhão: um estudo de caso a partir da teoria Muratoriana**, Dissertação, Mestrado em Desenvolvimento Urbano e Regional, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

Porto A R (1992) **História Urbanística da Cidade de São Paulo: 1554 a 1988**, Carthago & Forte, São Paulo.

Porta P (org.) (2004) **História da cidade de São Paulo: a cidade na primeira metade do séc. XX**, Paz e Terra, São Paulo.

Queiroga E F. (2012) **Dimensões Públicas do Espaço Contemporâneo**, Tese de Livre docência em Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Oliveira V M A, de. (2014) **A Obra Nasce**. Revista de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Fernando Pessoa nº8, in *Ensaio: Morfologia Urbana: investigação Científica e prática profissional*, pg 99/111.

Veríssimo F S (2001) **Vida Urbana: a evolução do cotidiano da cidade brasileira**, Ediouro, Rio de Janeiro.